

	<p>Estado de Mato Grosso Assembleia Legislativa</p>	
<p>Despacho</p>	<p>NP: nuoaww2v SECRETARIA DE SERVIÇOS LEGISLATIVOS 04/10/2023 Projeto de lei nº 1988/2023 Protocolo nº 11206/2023 Processo nº 3368/2023</p>	
<p>Autor: Dep. Dr. João</p>		

Declara Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado de Mato Grosso as Danças dos Mascarados, do Congo, do Chorado, do Rasqueado Cuiabano, da Troika Pantaneira, dos Lenços, do Zinho Preto de Jauru, do Boi a Serra e Facão.

A **ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO**, tendo em vista o que dispõe o Art. 42 da Constituição Estadual, aprova e o Governador do Estado sanciona a seguinte lei:

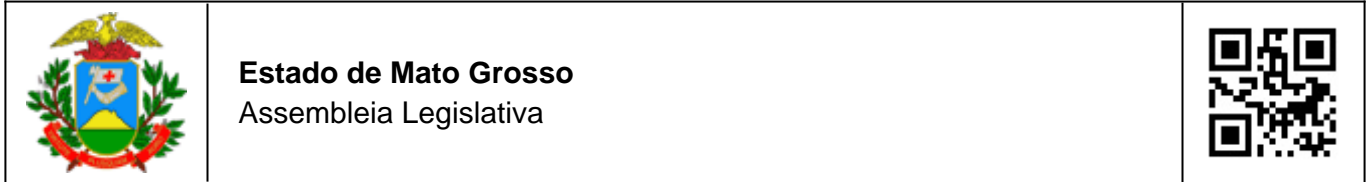
Art. 1º Fica declarado Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado de Mato Grosso as Danças dos Mascarados, do Congo, do Chorado, do Rasqueado Cuiabano, do Troika Pantaneira, dos Lenços, do Zinho Preto de Jauru, do Boi a Serra e do Facão.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICATIVA

A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial e, também, ao estabelecer outras formas de preservação – como o Registro e o Inventário – além do Tombamento, instituído pelo Decreto-Lei nº. 25, de 30/11/1937, que é adequado, principalmente, à proteção de edificações, paisagens e conjuntos históricos urbanos. Os Bens Culturais de Natureza Imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras, festas, danças e santuários que abrigam práticas culturais coletivas).

Nesses artigos da Constituição, reconhece-se a inclusão, no patrimônio a ser preservado pelo Estado em parceria com a sociedade, dos bens culturais que sejam referências dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. O Patrimônio Cultural Imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à



diversidade cultural e à criatividade humana. É apropriado por indivíduos e grupos sociais como importantes elementos de sua identidade.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) define como Patrimônio Cultural Imaterial "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural." Esta definição está de acordo com a Convenção da Unesco para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, ratificada pelo Brasil em março de 2006.

O registro dos bens imateriais é o reconhecimento da representatividade e da importância da arte como identidade e distinção de uma coletividade para a sociedade. É o comprometimento do estado em salvaguardar, preservar e promover a cultura registrada.

Neste sentido, estamos declarando patrimônio imaterial as danças:

“RASQUEADO CUIABANO

A definição de rasqueado, segundo o dicionário, é: “arrastar as unhas ou um só polegar sobre as cordas sem as pontear.”

Em Mato Grosso, o Rasqueado Cuiabano traz em sua história o final da Guerra do Paraguai quando prisioneiros e refugiados não retornaram ao seu país, integrando-se com as populações ribeirinhas, especialmente da margem direita do rio Cuiabá, onde hoje está a cidade de Várzea Grande. Esta integração influenciou costumes, linguajar e principalmente danças folclóricas, como por exemplo à polca paraguaia e o siriri mato-grossense. Da fusão das duas nasceu o pré-rasqueado, que se limitou aos acordes do siriri e cururu, devido ao seu desenvolvimento na viola-de-cocho, recebendo outros nomes como liso, crespo, rebuça-e-tchuça, para mais tarde participar de festas juninas, carnaval ou qualquer manifestação dos ribeirinhos.

Com a proclamação da república os senhores de classe, precisando se aproximar do povo ribeirinho, tornaram o rasqueado um ritmo popular e de gosto geral, levando-o para praças e mais tarde para os salões de festa. Ainda foi discriminado nos saraus e rodas de poesia dos intelectuais, até que a juventude dos anos 20 e 30 trouxe para esses ambientes.

DANÇA DOS MASCARADOS

É uma dança folclórica regional típica da cidade de Poconé, região pantaneira de Mato Grosso. Sua origem, controversa, está ligada a misturas tanto da contradança européia — influência dos colonizadores espanhóis e portugueses — quanto das tradições indígenas locais com ritmos negros. É parte das comemorações da Festa do Divino Espírito Santo e de São Benedito.

A dança é executada exclusivamente por homens, em pares de 8 a 14 pessoas. Os trajes masculinos representam os galãs e os trajes femininos representam as damas. O marcante tem a função de conduzir a dança, e os balizas de segurar o mastro com fitas coloridas e a bandeira de São Benedito.

DANÇA DO CONGO

Dedicada a São Benedito, a Dança do Congo ou Congada é de origem autenticamente africana. Em Mato Grosso, é uma manifestação que ocorre tradicionalmente em duas cidades: Vila Bela da Santíssima Trindade e Nossa Senhora do Livramento.



Em Vila Bela, primeira capital de Mato Grosso, a Dança do Congo representa a resistência dos negros que continuaram na região, após a transferência da capital para Cuiabá, em 1835. Faz parte da festa de São Benedito, que ocorre sempre no mês de julho, em uma segunda-feira, quando comemoram o dia do santo negro.

A Dança do Congo é a dramatização de uma luta simbólica travada entre dois reinados africanos. O Embaixador de um outro reino pede ao Rei do Congo a mão de sua filha em casamento; o Rei rejeita o pedido e, então, o Embaixador declara guerra ao Rei do Congo. O motivo da negativa teria sido que o Rei do Congo desconfiava que o Embaixador queria fazer uma traição ao reinado: após o casamento, ele tomaria o poder, possivelmente, matando o Rei, o Secretário e o Príncipe, ficando com a coroa. Em uma outra versão, o Embaixador é o mensageiro do Rei de Bamba, que manda pedir a mão da Princesa em casamento.

Os personagens do reinado do Congo são o Rei, o Príncipe e o Secretário de guerra; do reino adversário aparecem o Embaixador e soldados. A nobreza usa mantos, coroas e bastões coloridos e ornamentados com flores, como instrumentos; o Príncipe e o Secretário de Guerra vestem também saiote com armação de arame e peitoral em forma de coração como escudo. Os soldados usam espadas, capacetes com pena de ema, flores e fitas, e o cantil que contém bebida chamada "Kanjinjim", feita à base de cachaça, gengibre, canela, cravo e mel que serve para estimular os dançantes.

As flores na indumentária servem para reverenciar São Benedito; como os personagens não podem ficar próximos ao oratório do santo, durante a dança, onde colocariam suas flores para promessa, eles arrumam um lugar no capacete, e as fitas representam o próprio oratório.

A movimentação da Dança do Congo é a caracterização da marcha dos soldados; o pulso vertical dos corpos, os movimentos dos braços com as espadas e o ritmo dos pés, dançando ou caminhando, remetem à marcha. A dança ocorre pela cidade toda, onde os participantes cantam e marcham ao som do ganzá, bumbo e cavaquinho que são tocados pelos músicos-soldados. Os dançantes têm por função também proteger os festeiros, que são o Rei, a Rainha, o Juiz e a Juíza, que carregam objetos sagrados, e ainda as promesseiras que acompanham o cortejo levando flores em homenagem a São Benedito.

BOI-À-SERRA

Em várias regiões do Brasil encontramos manifestações folclóricas que falam sobre a vida e a morte de bois bravos e vaqueiros destemidos. Temos, no Maranhão, o Boi-à-Serra; em Santa Catarina, o Boi-de-mamão, no Pará, a Dança do Boi, em São Paulo e em Mato Grosso; o Boi-à-Serra; Luiz Câmara Cascudo, em seu "Dicionário do Folclore Brasileiro", nos fala sobre a origem dessas danças no Brasil: "Pelas regiões da pecuária, vive uma literatura oral louvando o boi, suas façanhas, agilidade; força, decisão. Desde fins do século XVIII os touros valentes tiveram poemas anônimos, realçando-lhes as aventuras bravias."

Houve tempo em que o Boi-à-Serra foi muito difundido em Mato Grosso, principalmente nas localidades de Santo Antônio do Leverger, Varginha, Carrapicho, Engenho Velho, Bom Sucesso e Maravilha, onde existiam grandes canaviais e a atividade econômica predominante eram os engenhos de açúcar. A dança do Boi-à-Serra hoje, consegue ainda manter suas características iniciais apenas na localidade de Varginha, no município de Santo Antônio do Leverger. Lá as pessoas ainda cantam uma toada que conta toda a trajetória de vida e morte de um boi que é capturado por destemidos vaqueiros, enquanto dançam.

Em outras localidades, como em Cuiabá e Santo Antônio do Leverger, encontramos a dança do Boi-à-Serra já muito modificada, ou inserida num outro folguedo popular: O Siriri.

O Boi-à-Serra é um folguedo do carnaval mato-grossense. Durante os festejos do carnaval, as pessoas



brincavam ou ainda brincam, em alguns lugares, o Siriri, o Entrudo, o Boi-à-Serra e também o Cururu, que é uma manifestação quase sempre ligada à religiosidade do povo. Porém, segundo alguns tiradores, o Boi-à-Serra pode ser dançado em qualquer festa.

É comum, nas localidades onde existe a dança do Boi-à-Serra, o responsável por sua confecção dar o nome ao boi. Este nome é dado através de alguma característica que o mesmo tenha, ou seja, devido à cor do tecido que o reveste, ao brilho deste ou a alguma parte cômica da figura do boi.

DANÇA DO CHORADO

Dança afro, da região de Vila Bela da Santíssima Trindade, surgiu no período colonial, quando escravos fugitivos e transgressores eram aprisionados e castigados pelos Senhores e seus entes solicitavam o perdão dançando o Chorado.

Com o passar do tempo a dança foi introduzida nos últimos dias da Festa de São Benedito, pela mulheres que trabalhavam na cozinha. Com coreografia bem diferente da demais danças típicas, são equilibradas garrafas na cabeça das dançarinas que cantam e dançam um tema próprio. Procuram manter a garrafa na cabeça, para mostrar que estão sóbrias, isto é, que apesar da festança ninguém está embriagado. Este passou a ser o significado atual da Dança do Chorado.

DANÇA DO FACÃO

Uma das manifestações de maior destaque no interior mato-grossense, é a Dança do Facão. É um folguedo tipicamente gauchesco, sendo apresentado principalmente nos CTGs - Centro de Tradições Gaúchas, esparramados por todos os rincões do Estado, inclusive na capital, Cuiabá.

Esta dança masculina de esgrima, na qual se usam facões, espadas ou adagas, são conhecidas na Ásia, na Europa Oriental e na África muçulmana, como treino e lazer em áreas de grande concentração masculina. Cada dançarino com dois facões afiados, valendo a destreza, a acuidade e os reflexos rápidos. agrada a todos que vêem, pela riqueza do figurino e agilidade dos dançarinos.

DANÇA DOS LENÇOS

A dança originária da cidade pantaneira de Barão de Melgaço, criada por dona Leodina Oliveira da Silva. Segundo a própria Leodina, esta expressão saiu dos passos do Siriri, chamado Barco do Alemão. A dança é uma declaração de amor no sentido mais singelo e sublime.

É uma dança antiga, com o propósito de apresentar as moças donzelas descomprometidas para os rapazes durante as festas regionais, tida como o “debut pantaneiro”. A dança é composta por passos oriundos do siriri, dançada ao som de conjunto regional, caracterizada pelos lenços, e fitas que adornam os vestidos rodados e alegres e as mãos das moças dançarinas. É uma dança delicada, com coreografia suave.

TROIKA PANTANEIRA

Expressão coreográfica criada em Barão de Melgaço, pelo professor João Cláudio Gonçalves. O nome “troika” é de origem russa, significando uma espécie de cordão de saideira, com síntese do Cururu, Siriri, Rasqueado, Chamamê, Quadrilha, Pericón e São Gonçalo. É uma modalidade de dança que engloba ritmos e evoluções narrativas da história e cultura do Pantanal de Mato Grosso.

A dança caracteriza-se por passos marcantes ao som de acordeom, violão e percussão. Na vestimenta também há bastante semelhança, os rapazes usam camisas xadrez com calça preta e chapéu pantaneiro,



enquanto as moças colocam um bestido de babado na parte superior e saia com tecido suficiente para os rodopios típicos. As cores chamativas simbolizam o sol, o verde das saias representam a floresta e a cor vinho simboliza a destruição da natureza pelo fogo. A Troika Pantaneira não tem data certa para sua apresentação, mas sabe-se ocorre em qualquer festa junina. É comum aos turistas que visitam as exuberantes baías de Chacororé e Siá Mariana, se depararem com dançarinos, às margens do glorioso Rio Cuiabá ensaiando passos e números inéditos da gostosa dança.

DANÇA DO ZINHO PRETO DE JAURU

A origem da Dança Cabocla, existente em Jauru, há cerca de 33 anos, está em Mantenópolis, no Espírito Santo, onde nasceu José Alves Batista - o Zinho Preto.

O grupo é animado por três músicos: um sanfoneiro e dois violeiros. A indumentária do grupo é chamada de "farda", sendo composta por saiotes vermelhos, ornamentados com penugens brancas coladas e costuradas. As blusas são vermelhas e cavadas nos braços ornamentados com penugens. Os homens levam capacetes rústicos de papel com penas grandes e coloridas, alguns parecendo colares indígenas. Os adolescentes usam faixas de tecido vermelho amarradas na cabeça.

O Mestre exibia pulseiras e tornozeleiras com penas e um colar tipo gargantilha, também de penas. Quase todos os participantes traziam arcos de madeira enfeitados com penas e fitas coloridas. A flecha de madeira era embutida no centro do arco por um buraco, e a parte traseira da flecha é larga e rombuda. De madeira maciça, a flecha funciona como um instrumento de percussão, que marca os passos da dança. O instrumento é chamado de Flecha

Algumas coreografias são feitas ao som da Flechas e em outras, as mesmas são cuidadosamente equilibradas em pé, em dois montes de forma piramidal, como armas, as flechas são substituídas por bastões (porrete) de madeira de aproximadamente 50 cm de comprimento. Os dançantes chocam um bastão contra o outro enquanto dançam, como num desafio ou luta, produzindo nova e harmoniosa percussão.

Outras coreografias são em torno de um mastro de madeira onde estão amarradas inúmeras fitas colocadas de forma alternada nas cores azul e vermelha. Os dançantes circundam o mastro, entrelaçando-se e segurando as pontas das fitas de modo que, aos poucos, o mastro vai sendo forrado pelas fitas entrelaçadas na mais perfeita ordem.

"Seo Zinho" identifica cerca de 20 coreografias diferentes, porém somente nomeou nove: Costurinha (caracolzinho); Pulo Africano; Jibóia; Pulo Africano à Esquerda; Corrida Africana; Corrida de Bastões; A Garrafa; a Trança de Fita e a Vingança do Vovô. A Vingança do Vovô é uma coreografia dramatizada e cômica que chamam de comédia."

Vale salientar, que o rasqueado não foi declarado patrimônio imaterial pela lei nº 8.203/2004.



Estado de Mato Grosso
Assembleia Legislativa



Pela importância cultural das danças acima citadas pretendemos declarar as mesmas patrimônio cultural de natureza imaterial de nosso Estado, para tanto, solicitamos o apoio dos nobres Pares para aprovação desta propositura.

Edifício Dante Martins de Oliveira
Plenário das Deliberações “Deputado Renê Barbour” em 03 de Outubro de 2023

Dr. João
Deputado Estadual